

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



REDACÇÃO

ALEXANDRE HERCULANO. — A. D'OLIVEIRA MARRECA. — A. DE SERPA. — A. P. LOPES DE MENDONÇA. — CARLOS JOSE CALDEIRA. — CASIMIRO ABREU. — ERNESTO BIESTER. — F. GOMES D'AMORIM. — F. PEREIRA D'ALMEIDA. — F. M. BORDALO. — FRANCISCO ROMANO GÓMES MEIRA. — J. M. LATINO COELHO. — J. M. D'ANDRADE FERREIRA. — J. S. MENDES LEAL. — J. DE TORRES. — LUIZ FILIPPE LEITE. — L. A. PALMEIRIM. — R. BULHÃO PATO. — RODRIGO PAGANINO.

Director

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

LISBOA : — Anno 35600 rs. — Semestre 15920 rs. — Trimestre 13000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 37. — SABBADO, 13 DE SETEMBRO DE 1856.

PROVINCIAIS — FRANCO — ANNO 45000 — Semestre 25100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 55000.

SUMMARIO.

A Ethiopia superior -- O Castigo do Senhor (continuação) — Retratos dos nossos homens politicos (continuação) — Physiomia das platéas (continuação) — Pobre Luiza (continuação) — O beijo — Apontamentos biographicos — Lago de Ganbe — Entrada do marechal Pelissier — Villa da Certã — Chronica Semanal — Ponte pensil — Aphorismos — Bibliographia.

GRAVURAS — Ponte pensil, em Brest — Marmont — Villa da Certã — Entrada do marechal Pelissier em Marselha — Lago de Ganbe.

A ETHIOPIA SUPERIOR.

A seguinte noticia da Abbassia, que extrahimos da Chronica do padre Balthazar Telles, servirá de specimen do estylo d'este autor do seculo XVII, e nos porá em conhecimento com as noções historicas que n'esse tempo havia d'esta região.

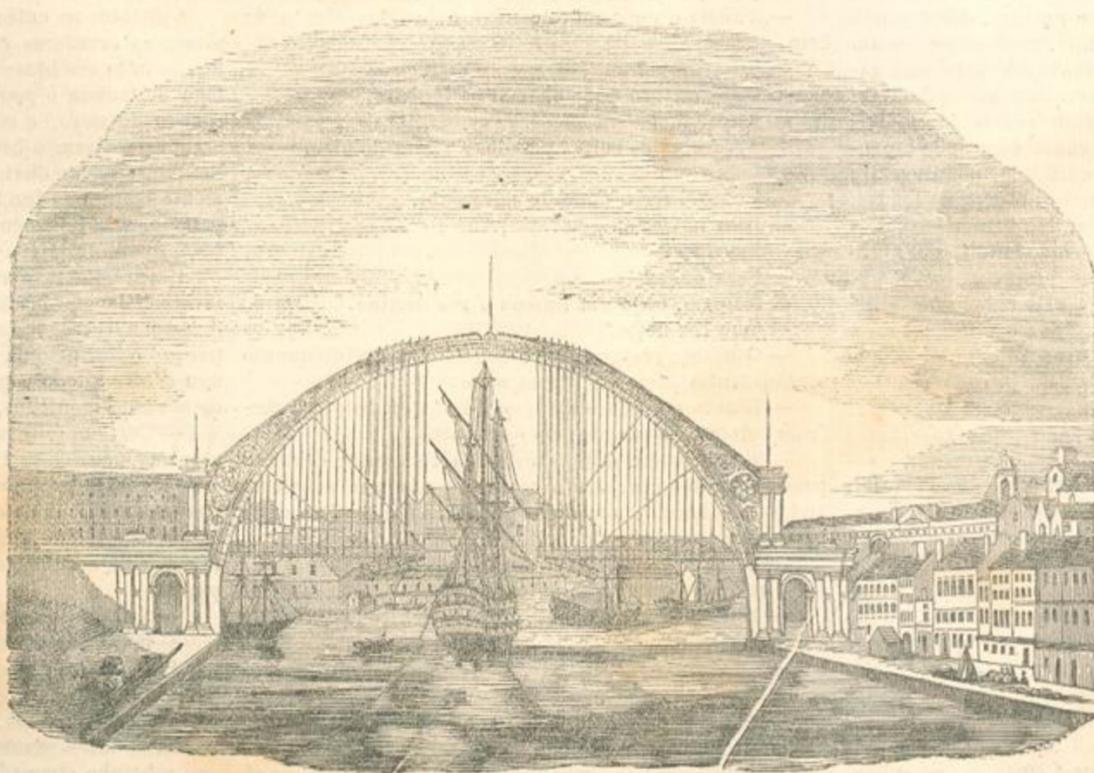
«Na parte mais oriental da Africa, sobre o Egypto, está a Ethiopia superior, chamada Abbassia, por ser (como quer Marco Estrabam) região cercada de grandes desertos e charneças, a que os Egyptios chamam *Abazes*, e por corrupção da Abbassia, se lhes deu o nome ás terras do Abexim. No meio desta Ethiopia, no reino de Gojam nasce o rio Nilo, em cuja primeira fonte tão encoberta aos antigos, e tão desejada pelos romanos, bebêram muitos padres da Companhia, e entre elles, em nossos tempos, o padre Jeronimo Lobo da nossa Companhia, que correu o mundo todo, e ainda hoje vive, o qual viu todas aquellas terras, e chegou a ver os primeiros berços, e as mais escondidas nascenças d'este tão celebrado, e tão escondido rio, e nelle achou um vão, a quem hoje os naturaes por seu respeito chamam o passo do padre Jeronimo. Confina esta Ethiopia da parte do oriente com o mar Roxo, começando quase na frontaria das portas do Estreito, em altura do polo Artico doze grãos e um terço; indo correndo até á altura de dezenove, e se vem rematar em uma cidade maritima, por nome Suaquem. Pelas portas do Estreito lhe pode entrar grande communiação com a Asia, e pela visinhança com Egypto pode ter muita com Europa.

«Não é hoje este rei da Ethiopia senhor da costa do mar, nem dos portos que nella ha, porque entre o mar e as terras do Abexim, corre um como espinhaço de terras montuosas e asperas, habitadas de mouros, que senhoream todos aquelles portos, um dos quaes é o da cidade de Zeyla, a qual venceu por força d'armas, e queimou Lopo Soares de Alvarenga (filho de Ruy Gomes de Alvarenga, chança-rel mór, e de D. Maria de Mello) governador do est d' da India, por ser d'elrei de Adel (a quem os nossos portuguezes vulgarmente chamam rei de Zeyla) grande inimigo do Preste João. Da parte do occidente vae esta Ethiopia entestar em uma corda de serranias, que vão quase respondendo ás correntes do rio Nilo, a que elles chamam Tacuy: da parte do norte se termina este estado por uma linha lançada da cidade de Suaquem maritima ao fim da ilha Noba, que é a antiga Meroe, aonde já o rio Nilo vae mais conhecido, e soberbo, com as agos que de varias partes recebeu.

«Do outro lado se divide por uma linha arcada, começando no fim do rio Nilo da parte do occidente, que vae acabar contra o sul, até dar no reino de Avea, que é a terra mais austral, que tem, e partindo deste reino de Avea (que está em altura de seis grãos da parte do norte). Pera o oriente vae entestar com o reino de Adel,

que é de mouros, cuja metropole se chama Ara, e está em altura de nove grãos. É esta região do Abexim vastissima em terras, porque os que lhe dão menos legoas, lhe contam seiscentas e setenta. Esta Ethiopia é povoada de christãos scismaticos, que tiveram antiquissimo conhecimento de Christo Senhor nosso, conforme a commum opinião, do tempo da rainha Candasse, senhora daquelle imperio, a cujo valido sabemos que ensinou em seu carro S. Philippe o Diacono, como conta S. Lucas nos Actos dos Apostolos, e segundo as historias dos Ethiopes, por elle foi convertido á fé de Christo todo o reino chamado Tigrey, que é a região a que Estrabo chama Tenesis. Ha porem grande variedade de opiniões acerca dos pregadores da fé, que tiveram depois deste primeiro valido da rainha Candasse, como se pode ver no primeiro livro da historia de Ethiopia do padre Manoel d'Almeida. Hoje muitas provincias de Ethiopia estão ja possuidas por mouros, e só quatro reinos estão hoje habitados desses christãos scismaticos.

«Não são estas gentes ordinariamente mui polidas, e cuidadas nos trajos e meneos de sua vida, posto que geralmente nas cousas do culto divino mostram arte, e policia. porem no mais que pertence á vida humana são menos cuidadas, e mais inimigos do trabalho: porque possuindo terras mui grossas não lavram, nem cultivam, senão quanto escassamente basta para se sustentarem, e havendo grandes creações, de cujas lãs se podiam facilmente aproveitar; e tendo grandes regadios para linhos, e largos sitios para todo o algodão, por seu desazo, e pouca curiosidade, soffrem muitos andar vestidos de pelles sem curtir, como selvagens do mato, sem quererem usar da industria, que seus bons entendimentos facilmente lhes ensinaram, adestrando a natureza, que nelles é mui accommodada para tomar qualquer arte; tanto damno faz a falta da industria e da boa applicação: e assim como o metal, ainda que seja mais precioso, se lhe falta a arte do buril engenhoso, fica menos brilhante á vista, e de menos estima no preço; assim as naturezas de alguns, posto que por si se jam mui bem accommodadas para o bem, comtudo se lhes falta a cultura, e o exercicio politico, perdem os quilates.



Ponte pensil, em Brest.

de sua nobreza, e ainda muitas vezes vemos que tornam tanto atraz, que vão cada vez mais barbarizando.

«Posto que os Abexins conservam o nome de christãos, reconhecendo a Christo Senhor nosso, contudo tem enormes erros, dos quaes o principal, e como fonte donde os mais procedem, é a desobediencia, que tem ao Summo Pontifice, não reconhecendo a igreja romana, e tendo por santo e de grandes merecimentos a Dioscoro bispo de Alexandria, a quem o sagrado concilio Calcedonense condemnou por hereje, e assim não recebem ao dito concilio, nem suas definições. Reconhecem no reino uma cabeça do ecclesiastico, a que elles chamam Abuna, ou Marco, do qual querem que por força seja natural de Alexandria, e que a eleição pertença aos frades Abexins, posto que ha de trazer confirmação do patriarcha de Alexandria.

«Tem grande magestade estes seus imperadores, e são notaveis as preeminencias, ceremonias, e ainda melindres com que estes querem ser tratados, e são sobremaneira supersticiosos, porque assim se retiram não se deixando ver, nem communicar, como se fossem alguma divindade; e para lhes fallar (quando as cousas estavam mais florentes) havia de preceder muito trabalho e continencias nunca vistas; de sorte que ainda os maiores senhores mais pareciam escravos, que vassallos, no modo de obdecer a qualquer mandado do imperador: em se lhe dizendo que o recado é seu, logo saiam ao campo, e a pé, despindo-se da cinta para cima recebiam a sua ordem, e emquanto o mensageiro lhe diz as primeiras palavras, que são: *El rei vos envia saudar*, por cortesia, e acatamento se abaixam, até pôr a mão em terra. So tres vezes no anno lhes era licito ver a este seu imperador, a saber, em dia de Natal, no dia da Epiphania, e no dia da Assumpção da Virgem Maria Senhora nossa. Prezam-se de mui nobres (que estes desejos de fidalguia tambem se tem atcado entre os Abexins), e dizem que a geração destes imperadores, teve principio da rainha Sabbá, natural da cidade de Acumá (a quem Ptolomeu chama Axumá, situando em dez grãos de elevação do polo setentrional) posto que se intitulasse rainha de Sabbá, que era na ilha Meroe, que está no rio Nilo, a que agora novamente chamam Elsa-ba, ou Nobá. Desta rainha dizem os seus annaes, que da ida que fez a Jerusalem a visitar el rei Salomão, ouve delle um filho, o qual se chamou David.

«D'esta antiguidade se prezam tanto seus reis, que é uma das mais principaes grandezas, com que authorisam os magnificos titulos de seus nomes, cuja forma é a seguinte: — «Claudio ou David, amado de Deos, columna da fé, parente da estirpe de Judá, filho de David, filho de Salomão, filho da columna de Siam, filho da semente de Jacob, filho da mão de Maria, filho de Naú por carne, imperador da grande e alta Ethiopia, e dos seus grandes reinos, e provincias, rei de Xoa, de Guafate, de Fatigar, de Angote, de Barú, de Baaliganze, de Aldeá, de Vangué, de Guojam, onde nasce o Nilo, de Damará, de Baguemedre, de Ambeya, de Vagne, de Tigre, Mahó de Sabbam donde foi a rainha de Sabbá, de Barnaguays, Senhor ate Nobia, aonde é o fim do Egypto etc. — » Esta é a prefacção de que elles usam em suas reaes provisões, e em todos os mais papeis publicos; porem o nome appellativo deste principe, em sua lingua, é Acegué, que quer dizer imperador, posto que tambem se chama Niguz, que significa rei.

«Em nenhuma cousa representa mais este rei sua magestade e potencia que no assentar de seu arraial, porque por antigo costume não vivem estes principes em cidades, ou logares, nem se prezam de os povoar, ou de os ornar com edificios sumptuosos, nem de os cercar com muros, nem de os fortalecer, e acastellar com presidios, mas ao modo dos arabes, persas, e parthos, desprezando as cidades, andam sempre no campo, mudando-se de um sitio para outro, aonde achem erva nova para seus gados, e aonde possam cultivar a terra com maior facilidade; e segundo nos contam os nossos padres que muitas vezes andaram nestes arraiaes, é cousa de grande espanto ver neste arraial uma cidade edificada, não de pedra e cal, mas toda de pano, de grande numero de tendas, de varias cores, e muitas de seda, tambem armadas, e arvoradas, como podera estar uma cidade feita por grande traça, em muitos annos.

«A ordem por onde se assenta esta cidade portatil é maravilhosa, as igrejas ficam divididas em freguesias, e os officios em bairros, com tal distincção e concerto, que por muitas vezes que se muda a corte, já cada um sabe o sitio onde se hade alojar, se ao levante, se ao poente, e a que mão, e em quanta distancia, porque vae diante de todos, quando hade haver mudança, o marechal, e notando o lugar, ou sitio em que se hade assentar o arraial, o aposentador mór prega uma lança na terra, que é o signal de haver de ser ali a praça principal, que fica no meio para igualmente acudir a todos; os mais se vão logo repartindo, e dividindo com toda a distincção, e diligencia; no lugar mais eminente fica a tenda real, ou palacio do imperador. E não é necessario perguntar aonde pousa tal, ou tal pessoa? e aonde ficam taes, ou taes officiaes? porque pela boa ordenança da planta já se sabe para que parte hade ficar os officiaes d'el rei, os ministros da justiça, os mecanicos de tal, ou tal officio. E segundo a grande copia de gente que segue a corte, acompanhando o rei (como frequentemente muda o sitio) se não ouvera esta ordem fóra mui difficilissima achar-se a pessoa que buscaes entre tanta multidão, em tão numeroso exer-

cito de gente, e segundo os nossos padres viram, e referem, da praça principal ás tendas d'el rei, ia uma boa legoa, tudo por uma rua mui direita e larga; de sorte que o diametro desta cidade é de duas, e tres legoas, que demanda seis ou sete em contorno. Para a mudança do arraial, alem de infinidade de homens, que levam as cargas á cabeça, ha muitos milhares de mulas, e muitos camelos, que levam as tendas e mais cargas.

«O nome de Preste João que alguns querem que seja Presbitero João, foi entre elles mui desconhecido, e somente introduzido pelos portuguezes. O que sobre este nome cuidamos é (conforme a melhor opinião) que antigamente houve um grande imperador na India, christão scismatico, o qual assim como os reis do Egypto se chamavam antigamente Pharaós, os dos Persas Sofis, assim este se chamava Preste, ou Presbitero João. Deste imperador se conta, que foi em algum tempo poderosissimo, porque tinha debaixo de seu real sceptro, setenta e tantos reinos, parte christãos, e parte gentios, porem veio depois a ser vencido, e conquistado pelos Tartaros, e como ainda pela nossa Europa havia alguma noticia deste antigo imperador, por isso quando os nossos portuguezes descobriram a India, em ouvindo dizer, que na Ethiopia Superior havia um imperador christão, se vieram a persuadir, que este devia ser aquelle Preste, ou Presbitero João, cujo nome ainda era lembrado na Europa, e só por esta imaginação, fundada na liberdade da voz do povo, lhe começaram a dar este nome de Preste João, sendo assim que entre elles foi novo, e nunca ouvido; como tambem o foi o nome de Precioso João, por mais que delle mui confiadamente usa o nosso chronista portuguez Damião de Goes.»

O CASTIGO DO SENHOR.

CONTO AO SERÃO.

Continuação.

IV

UMA PROMESSA.

As dóres moraes que tinham desabado á voz de Deus sobre o coração de Paulino, eram maiores do que podia um só homem supportar; elle marchava quasi sem tino por entre as cruces de que se retalhava o caminho, e buscando a entrada da casa velha de seu pae, descia atravez dos subterraneos, em busca do salão em que julgava ser esparado.

Era triste e difficil a posição do Castigo do Senhor: lembrar-se dos seus, quando Deus parecia lembrar-se unicamente d'elle para vasar sobre a sua cabeça todas as taças d'absinthio; pensar na vida de muitos homens quando a mulher que amava tinha sido riscada da sua posse; quando seu irmão matava por uma honra immensa as relações a que podia aspirar o crime; quando enfim elle se achava n'um d'esses momentos em que o homem cre que só a morte pode ser um beneficio de Deus!

Paulino entrou pelo esconderijo da planicie, e não viu e não sentiu uma unica voz; tudo estava solitario.

Era tempo de correr tudo quanto existia ainda da mansão de seus paes; mas a dedicação quiz poupar-lhe os passos, e o Filho da Tormenta estava ao seu lado.

— Amigo, dizia elle, ou ides condemnar-me ou abençoar-me. As vossas ordens nem foram seguidas, nem o que pensaste executado.

— Que queres dizer? bradou o Castigo do Senhor.

— Abusei d'uma nobre confiança, e Deus dirá se fiz bem.

— Que fizeste?

— Tudo quanto pode chamar-se loucura.

— E que foi?

— Arrumbei os cofres pesados da casa do oiro.

— Como!

— Entendi ser o meio de salvar-nos.

— E os nossos amigos?

— Fugiram.

— Para onde?

— Não sei, cada um buscou o seu destino.

— Que lhe deste?

— O monte era grande, e entre todos dividi quanto o acaso tinha posto em nossas mãos.

— E nem um adeus de despedida? perguntava o chefe da cohorte de sangue; eis os homens!

— Estamos sós, dizia o Filho da Tormenta, devemos partir sem demora; Julio certificou que nos arredores andavam soldados, mandados para de noite assaltar a que elles chamam casa isolada.

— Bem, balbuciou Paulino; depois da proscricção do amor resta a proscricção da patria.

— A nossa sorte é igual; disse o dedicado amigo do rei dos criminosos.

— Como poderei pagar-te, meu amigo! tornou o amante de Luiza; fujamos.

— A parte do oiro que nos competiu, tornava ainda Theodoro, eil-a.

E apresentava ao chefe uns cartuchos de moedas de oiro, capazes de fazerem acreditar na independencia a muitos homens.

— É nada, dizia Paulino, fazendo gyrar a mesma cai-

xa d'onde o seu amigo tirara quanto julgava estar ali; é nada.

E do fundo fazia rodar as moias que occultavam as riquezas amontoadas ha tanto, e que representavam tantos crimes.

— Vamos! disse elle.

E dentro n'um instante tudo estava ordenado como unica bagagem: e o seu criado, ou antes o amigo dedicado do chefe, apromptava os tres cavallos que deviam conduzi-los, e elles davam costas ao palacio que amava como reliquia de seus paes, que a presença de seu irmão tornava mais sagrado ainda, e de que era forçoso separar-se.

— Sabeis, dizia Paulino ao Filho da Tormenta, perdi tudo quanto me podia fazer ainda um homem de bem.

— Como! tornou elle.

— O meu filho.

— Que quereis dizer?

— Luiza, dentro em pouco, accrescentou Paulino, será a mãe do meu filho.

— E nunca o vereis?

— Não. É o destino que o manda.

— Desgraçado! balbuciou o que o mundo poderia crer um criminoso.

E na sua cabeça passavam bem doiradas idéas. Pensava ver-se livre do jugo detestavel d'assassinos, e entrar enfim no mundo, senão rico, ao menos tendo quanto precisava; não lhe restava abraçar nem pae nem mãe, porque os perdera de ha muito, mas viver livre e socegado era quanto desejava.

Paulino n'esta hora acreditava-se condemnado pelo Senhor; não podia comportar a idéa de abandonar seu filho, e não cria que pudesse outro amparar na terra o ente que herdara d'elle a vida, sem que pagasse a Deus essa immensa divida. Jurou no seu pensamento, que a primeira creança que o acaso lhe deparasse, e que seus paes lhe quizessem entregar, elle a trataria como a filho dedicado. Communicou o seu proposito a Theodoro, que não hesitou em festejar-o.

Tinham dado alguns passos pela estrada quando ouviram dois desgraçados, que não teriam talvez quatorze mezes, e que eram conhecidos unicamente por seu choro.

Paulino, que os sentiu, e que acreditou tudo como mandado por Deus, apeou-se depressa, e tomou nos braços os meninos. Um estava sem um unico signal para que pudesse ser reconhecido, além de uma grossa cadêa que lhe pendia do pescoço com um retrato de mulher; mas o outro trazia involto nas mantilhas um bilhete, que Paulino viu no momento em que descansou na primeira estalagem, e que dizia assim:

«Quem se condoer d'esta desgraçada deixe uma marca pela qual possa ser reconhecida um dia.»

E Paulino voltou ao mesmo sitio, onde depoz uma cruz de oiro, que poderia ser aberta por quem lhe soubesse o segredo.

— Ah! dizia o Castigo do Senhor, juro fazel-os tão felizes quanto eu tenho sido desgraçado.

Se um raio do dia viesse allumiar esta scena, teria mostrado aos homens as lagrimas saltando nos olhos do Filho da Tormenta.

Os novos companheiros de jornada tomaram o seu lugar junto ao coração dos dois amigos, e adormeceram com o movimento dos cavallos que corriam, e com a fadiga de chorar durante que estiveram abandonados, e a que deveria seguir-se a morte mais infeliz, se o braço do Omnipotente não protegesse todos os seus filhos, e não tivesse já disposto d'antemão todos os tormentos de Paulino para salvar dois innocentes, castigando um criminoso.

Voltaram-se então para as bandas da casa isolada, viram os arredores cheios de chammás, e acreditaram que ia tudo em breve desabar em ruinas, e que um novo fogo destruiria o poupado pelo primeiro; mas affirmaram-se de novo, e conheceram então que eram muitos archotes; viram o brilho do reflexo das armas, e já não lhe podia restar duvida, que os receios do Filho da Tormenta eram bem fundados. As tropas reaes assaltavam o palacio, mas felizmente para os que foram seus habitantes, já nenhum ali se achava.

Um tremor involuntario assaltaria Paulino, que, apesar da distancia, acreditava ser ainda possivel que lhe tolhessem a liberdade; ou talvez não chegou a pensar em tal, porque o instincto da vida, antes do raciocinio, lhe ordenou correr a toda a pressa. Theodoro e o criado, igualmente bem montados, seguiram-n'o de perto.

— Corramos, disse elle ao homem que o livrara de cair nas mãos da justiça; agora tambem eu quero fugir; estes meninos mandou-os Deus ao meu encontro como penhores da felicidade de meu filho; acredita que heide fazel-os bem felizes, para que o filho de Luiza igualmente o seja. Queres acompanhar-me? Eu dirijo-me a Hespanha.

— Sempre, e a toda a parte.

— És um verdadeiro amigo.

Alguns dias depois, fallava-se em Madrid d'um certo Roberto Guilherme, viuvo e portuguez, que ia na terra dos amores violentos, e dos duellos sanguinarios, educar seus dois filhos gemeos, levando em sua companhia um seu sobrinho chamado Luiz, e que tinha como seu tio o appellido de Sepulveda; e por esse mesmo tempo celebravam-se no palacio da encosta, junto de Leiria em Portugal, magnificas festas pelo ditoso hymeneu de D. Lui-

za de Castro, filha unica do cavalleiro D. Ramiro, com D. Carlos d'Alhaide.

Acreditando nas vozes que corriam, elles deviam ser bem felizes, porque o casamento dizia-se que era á vontade de todos.

N'este momento Bertha ouviu dar meia noite, e disse-nos que estava fatigada, e por consequencia só no outro dia poderiamos ouvir o seguimento da vida do Castigo do Senhor; accrescentando unicamente, porque muito lhe pedimos, o nome dos dois meninos que Paulino levava comsigo, e se chamavam Fernando e Laura, que cresceram felizes; e como nada tinha de notavel a existencia de todos estes heroes durante vinte annos, só então começavam de novo as desgraças a perseguil-os implacavelmente, e por isso d'ahi para diante é que ia contar o que lhes acontecera, e no outro dia assim fez, como dissera.

Continua.

F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

RETRATOS DOS NOSSOS HOMENS POLITICOS NO SECULO XIX.

VISCONDE DE SÁ DA BANDEIRA.

II

Continuação.

Era ahi que o general Bandeira havia estabelecido o seu quartel general. Encontraram consideravel quantidade de polvora e munições, um cahique, uma barca canhoneira, e seis mil rações. D'ahi proclamou o barão aos algarvios para voltarem a suas casas e trabalhos sem receio de serem incommodados, e logo no dia seguinte marchou para Castro Marim, dispersando uma pequena força em Villa Real.

Dando em Castro Marim um dia de descanso á sua tropa, dia que além d'isto aproveitou em fazer guarnecer aquella praça, marchou a 26 em direcção ás montanhas, e n'essa mesma tarde acampou em Altamora.

No dia 27 não pôde avançar de Martim-longo, em consequencia do mau transitio. Ahi soube que o inimigo, largando a estrada d'Almodovar, endireitara para a aldeia do Cachopo, e sobre ella marchou no dia 28. A força contraria retirou-se para o Alemtejo.

No 1.º de março poz-se Sá da Bandeira outra vez em movimento para S. Braz, e sobre as alturas da Serra d'Alportel descobriu oitocentos a novecentos homens, guerrilhas, commandados por um tal Camacho, e que apenas avistaram a tropa constitucional lhes principiaram a fazer fogo. Foram immediatamente atacados por uma companhia do primeiro batalhão de infantaria ligeira da rainha, seguida por uma columna, avançando ao mesmo tempo os voluntarios de Olhão sobre a direita do inimigo. Dez minutos, que não mais, durou a acção, fugindo as forças realistas desordenadamente por aquellas escarpadas montanhas, com a perda de trinta mortos ou feridos, e vinte prisioneiros.

Duas horas depois da derrota d'esta primeira guerrilha foram encontradas na Serra do Farrobo as que andavam capitaneadas pelo celebre Remechido. Bastaram poucos tiros dos constitucionaes para immediatamente se dispersarem.

No dia 2 seguiu o barão de Sá da Bandeira ainda no alcance d'ellas, e foi achal-as nas alturas de Lagos, mostrando intentos de se defenderem, porém sendo vigorosamente atacadas fugiram para os montes, deixando vinte mortos no campo.

O barão de Sá voltou para Faro, que por duas vezes fóra accommettida, nos dias 23 e 27, retirando-se o inimigo repellido; e n'esta parte, e nas obras de defesa que circundavam a cidade, mostraram o tenente coronel Luna, que era o governador militar, e o barão de Faro, antecedente governador do Algarve, muita energia e actividade.

Ahi recebeu Sá Nogueira no dia 4 o reforço de um batalhão belga, que se lhe expediu de Lisboa. Deu-lhe alguns dias de descanso, e novamente marchou para S. Braz, onde os guerrilhas se aventuraram a apparecer em força.

Uma companhia do batalhão belga dirigiu-se sobre a direita do inimigo. Outra companhia, com os voluntarios de Beja e Faro, avançou pela esquerda. Á frente das outras seis companhias formadas em columna, e sustentadas pela cavallaria, se collocou o barão de Sá, e atacou pela frente. Á aproximação das forças constitucionaes o inimigo rompeu um vivissimo fogo, e manteve as posições, até que, carregado á bayoneta, se retirou de montanha em montanha com tanta rapidez, que não pôde ser alcançado.

No dia seguinte aventuraram-se os realistas a fazer frente n'uma forte posição perto de S. Braz, apresentando a sua força formada em linha. Novamente atacados, novamente dispersaram; porém se a infantaria não os pôde perseguir, a cavallaria conseguiu matar-lhes setenta e aprisionar-lhes quinze homens, com muitas bagagens, e alguns cavallos.

No entanto tinham-se os guerrilhas apossado de Tavira, e por isso teve o barão de expedir para ali uma companhia da tropa com que operava. A aproximação d'esta

pequena força foi sufficiente a libertar a cidade, que immediatamente desampararam.

A divisão foi seguindo sua marcha pela serra de Penafines, onde bivacou no dia 13, e a 14 em Alte, endireitando depois para a Ribeira de Merinho, apparecendo na madrugada de 15 sobre S. Bartholomeu de Messines, que era o quartel general dos guerrilhas. Já os não encontraram ali. Por dois homens que ainda conseguiram apprehender, souberam que elles tinham recebido ordem de se reunir nas gargantas de Val-Forges. Baldado porém foi o empenho do barão de Sá em os buscar ahi, porque em consequencia dos movimentos da columna constitucional haviam mudado de ponto de reunião.

No dia 16 seguiram a marcha sobre Almodovar, que fica situada na fronteira do Alemtejo, e chegaram a esta villa no dia immediato pelas duas horas e meia da tarde, sem encontrar o inimigo, que havia abandonado o Algarve.

Oito dias bastaram agora ao barão de Sá para bater e dispersar mais de tres mil guerrilhas, podendo elle operar apenas com mil homens. Aqui provou a força da energia quando esta coopera com as rapidas concepções estrategicas; e desajudado dos reforços que da capital se lhe prometteram, porém nunca se lhe enviaram, conseguiu conter aquella provincia na obediencia da rainha, até que a convenção de Evora Monte veio pôr termo á guerra civil.

Terminada a guerra civil, e applicado o governo a regularisar os negocios administrativos do paiz, não tardou muito que o visconde de Sá, provado já durante o cerco do Porto na sua aptidão governativa, fosse chamado ao ministerio, encarregando-se-lhe a pasta da marinha, por ser um dos cavalheiros que mais se tem desvelado pelas nossas possessões ultramarinas, e estudado as suas necessidades, acompanhando este empenho já com escriptos e memorias, já com as uteis providencias a que tem dado impulso.

Permittam-nos agora uma digressão.

Ainda no anno passado o visconde de Sá fez publico pela imprensa um escripto que denominou: «*Factos e Considerações relativas aos direitos de Portugal sobre os territorios de Molembo, Cabinda e Ambriz, e mais logares na costa occidental da Africa, situada entre o 5º 12' e 8º de latitude austral.*»

Na primeira parte d'esta memoria, relatando diversos factos occorridos na costa occidental da Africa, prova pela tradição e com o exemplo de varios autores de cunho e autoridade, que desde o tempo d'el-rei D. João II a corôa portugueza se considerou soberana de toda a costa que é comprehendida entre o cabo de Lopo Gonçalves e o Cabo Negro, e que no seculo XVII o governo d'Angola estendia mais ou menos directamente a sua jurisdicção pelas terras maritimas que se acham entre os referidos Cabos; que o nosso dominio era assegurado pelas feitorias e fortes que tinhamos nos portos de Loango, Cabinda, Sonho, Benguella Velha, e Benguella Nova, Pinda etc., até que chegou um tempo em que os governadores d'Angola, querendo concentrar em Loanda forças consideraveis, abandonaram os fortes, ao norte do rio Zaire, seguindo-se que os navios das outras nações fizessem ahi em grande ponto o trafico da escravatura.

Ora como os escravos exportados d'Angola eram quasi exclusivamente destinados ao Brazil, e para isto só bastavam os que saíam de Loanda e Benguella, tambem esta razão concorreu para os referidos governadores não reputarem em muito o abandono dos portos do norte, por que tinham assim mais concentrado o trafico em Loanda e Benguella, onde melhor fiscalisavam os direitos.

Depois de narrar estes e outros factos com sobeja precisão e clareza, para o referido direito da corôa não entrar em duvida, passa a enumerar os varios tratados que a tal respeito se assentaram entre Portugal e Inglaterra até ao anno de 1846, e assim tambem a intelligencia dos mesmos pelo governo britannico, citando-se a lettra expressa da Carta Constitucional da Monarchia e da Constituição de 1838, que assentaram o direito a esta porção de territorio.

Ora prendendo todos estes factos com o escandalo seguido, e não interrompido, de continuar a fazer-se no Ambriz, e n'alguns pontos da costa do sul de Loanda, o commercio da escravatura apesar dos cruzeiros, e tratados com os regulos negros, e do desinvolvimento que o commercio livre tem tomado em toda a costa, propoz o conselho ultramarino que se fizesse a sua immediata occupação, e que se desse ao commercio de todas as nações protecção no porto de Ambriz por autoridades portuguezas, que deviam ser acompanhadas de força policial, ficando ellas responsaveis por qualquer falta, ou omissão no cumprimento dos seus deveres.

Apoia o visconde de Sá os seus argumentos, sobre o commercio da escravatura, na justa consideração de que emquanto existirem os mercados das Antilhas Hespanholas hão-de elles ser abastecidos com escravos d'Africa; e emquanto ali se venderem por altos preços será impossivel acabar com o contrabando, lembrando por esta occasião ao governo britannico que se applicasse o dinheiro que gasta, e gastará, com as esquadras empregadas contra os negreiros, em conseguir que a Hespanha extinguisse completamente aquelles mercados, n'isso fazia um grande acto de humanidade, e tambem de economia.

Occupou-se Ambriz como se propunha na consulta, e o seu porto foi declarado pelo governador geral d'An-

gola porto franco para o commercio estrangeiro de todas as nações, durante um anno contado de 16 de maio de 1855. No decurso d'esse anno as mercadorias importadas, e os generos que d'ali saísem em navios estrangeiros, não pagariam direitos de nenhuma especie, nem os navios que os transportassem seriam sujeitos a qualquer imposição.

Tornaram-se de facto livres, e não restringidas as communicações commerciaes, o que antes d'esta epoca não existia; porém o governo britannico, desconhecendo estas vantagens, e esquecendo as estipulações lançadas nos anteriores tratados, protestou contra a nossa occupação d'aquelle territorio em 1855.

Foi para combater este protesto, e provar o direito que nos assistia, que o visconde de Sá deu á estampa o trabalho de que fallamos, demonstrando n'elle, em final conclusão:

1.º que o governo portuguez, mandando occupar o porto do Ambriz, procedeu dentro dos limites dos seus direitos.

2.º que a declaração feita pelo mesmo governo, de ficar aquelle porto permanentemente aberto ao commercio de todas as nações, e de ser franco pelo espaço de um anno, e a protecção dada no acto da occupação aos commerciantes que ali se achavam, são medidas que devem satisfazer o governo britannico quanto á segurança do commercio inglez no mesmo porto.

3.º que a occupação permanente d'aquelle porto é o unico meio de extinguir o trafico da escravatura, que até ao momento do desembarque das tropas portuguezas era ali feito em grande escala.

Esta memoria que tem sido justamente apreciada, e que revela um subido patriotismo, e sentimentos humanitarios a toda a prova, vem adornada com uma Planta topographica do paiz do marquez do Mosullo e do Bombe, seu alliado, situados na margem meridional do Rio Loge na costa occidental d'Africa, comprehendida entre 7º 52', e 8º 47' do sul, conquistados pelas armas portuguezas nos annos de 1790 e 1791; e das mais terras além do rio Loge, na sua margem septentrional, onde chegou o exercito: — da Planta da fortaleza de Nossa Senhora da Nazareth e S. João do Loge, e o seu prospecto visto do lado do sul; e finalmente da Planta de Ambriz, o que muito auxilia a leitura da obra.

Demorámo-nos mais largamente n'esta noticia para dar uma idéa ajustada dos proficuos trabalhos a que o visconde de Sá gostosamente se applica. Por este se podem avaliar outros muitos, que não citamos agora para não sermos prolixos.

O cargo de ministro da marinha, como iamoz dizendo, foi desempenhado pelo visconde de Sá desde novembro de 1835 até abril de 1836; e logo no dia seguinte á revolução de Setembro d'esse anno, entrou novamente no ministerio, a muitos desejos de sua magestade a rainha, e instancia d'alguns dos ministros demittidos, ficando encarregado interinamente da pasta dos estrangeiros, e depois em 5 de novembro com a effectividade d'ella e a presidencia do conselho, até junho de 1837, voltando á mesma posição em 9 de novembro seguinte até abril de 1839.

Grandes foram os seus serviços prestados n'essa epoca á causa publica, e á ordem, por varias vezes perturbada na capital, chegando n'uma d'essas occasiões a correr-lhe grande risco a vida, ameaçada pelo punhal de um dos amotinados, e de cujo golpe foi providencialmente livre pela commenda da Torre e Espada que não deixou penetrar-lhe no peito o ferro homicida com que o atacaram.

Por esses serviços quiz sua magestade a rainha dar-lhe uma prova do seu apreço, e ordenou ao ministro do reino que lavrasse o decreto elevando-o á dignidade de conde.

Já o decreto estava assignado e referendado quando o visconde soube da nova mercê, e instantemente foi rogar a sua magestade a graça de permittir que tal decreto se não publicasse, porque, formando então elle parte do ministerio, poderia suppor-se que houvesse influido n'aquella nomeação, e não desejava que assim fosse compromettida a sua honra. Difficultosamente obteve o que pedia, e tanto é para admirar semelhante desprendimento de honras e grandezas, quanto que nos achamos n'uma epoca em que a maior parte dos homens as solicitam.

Decidido o casamento de sua magestade a rainha com o príncipe Augusto, e tratando-se de escolher pessoas para o honroso encargo de ir buscar o príncipe, e acompanhá-lo a este reino (1836) foi o visconde de Sá, conjuntamente com o marquez de Ficalho, encarregado de tão subida honra.

Tambem no anno de 1839 foi nomeado embaixador para assistir á coroação da rainha de Inglaterra, porém esousou-se por ponderosos motivos, e obteve que em seu lugar fosse nomeado o duque de Palmella.

Chegou o anno de 1846, e com elle uma das quadras bastante revoltas em o nosso paiz. Os acontecimentos que tiveram logar na capital em 6 de Outubro d'esse anno foram acompanhados da creação de uma Junta na cidade do Porto para dirigir o movimento hostil ao governo installado em Lisboa. N'essa epoca o visconde de Sá, que estava em desintelligencia com alguns membros do governo que acabara pela revolução do Minho, e que julgou novamente elevados pela contra-revolução de 6 de Outubro, poz á disposição da Junta do Porto os seus talentos e serviços, e foi um dos individuos que mais se

empenharam em fazer triumphar a causa que ella proclamava.

Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

PHYSIOLOGIA DAS PLATÉAS DE LISBOA.

V

Conclusão.

Ora o *leão do palco genuino* é muitas vezes filho ou parente das primeiras casas do reino; é nobre, gentil, dinheirinho, de acções primorosas e galhardas. Tem quintas e palacios; trota em eguas de fina raça ingleza; vae jogar a Cintra; paga jantares e figura em *pique-niques*, e se predomina entre os bastidores é pelo peso especifico do seu *porte-monnaie*.

Quanto ao *leão do palco de imitação* é uma creatura mui differente. A sua origem esconde-se pelas regiões clandestinas do *diz-se*. . . e do *consta*. . . A sua existencia é um mysterio. Sabe-se de positivo que elle não tem officio nem beneficio, que não possui eira nem beira; sabe-se tambem que as artes da Madre Celestina, que pereceram suffocadas nas fogueiras da inquisição, as não conhece tampouco elle; e comtudo este personagem raro passeia as ruas, expansivo e gostoso de si mesmo, veste com elegancia, janta no Matta, não falta ao theatro, apparece em todos os sitios de reunião publica onde se gasta dinheiro e se prima pela escolha de toilette, toma sorvete de verão, emborca o seu ponche de inverno, e ha quem diga mesmo que joga e quem o tenha visto até em passeio nocturno com alguma sylphide de bastidor.

Mas como se faz tudo isto?

C'est mon secret.

Respeitemos pois o segredo d'estas existencias miraculosas, e acceitemol-as como um facto, sem que intentemos profanal-as, querendo devassar-lhes as causas.

Prosigamos portanto em a nossa analyse sem que levantemos o mysterioso veo.

O *leão do palco* não é uma individualidade exclusiva da epoca presente, ou improvisada agora por nós para servir commodamente na escala de uma classificação arbitraria e dar apenas um relevo joco-serio a esta digressão analytica; é a personificação d'essas eternas rivalidades, inspiradas pelas competencias e mexericos de camarim, que tem figurado mais ou menos nos annaes dos theatros de todos os paizes.

O *leão do palco* representa a luta da leviandade e paixão dos partidos com todos os dictames da razão e da intelligencia. É uma especie de effervescencia dos sentidos querendo-se impor aos argumentos illustrados da critica apreciadora.

Não sabemos que relações occultas tenham as Musas da harmonia com o Nume Tutelar das bagatellas, mas o facto é que jámais tem existido templo onde se renda culto áquellas, que este leviano e zombeteiro genio ahi não assopre discordias e não predomine, pondo logo fora da porta o seu adversario natural senso-commun.

Ora a expressão eloquente d'este facto é o *leão do palco*: symbolisa justamente a guerra que no templo da arte é assoprada pelas falsas sacerdotizas.

Mas o peor é que as coisas sempre correram assim; e se o *leão do palco* fosse erudito, que não é, saberiam que ella é apenas o continuador d'esses partidos rivaes que em Italia brigaram annos a fio sobre o merito de Pergolese e Duni, dos glukistas e piccinistas que trouxeram em bollandas tudo em França, e dos nossos proprios piatralistas e sicaristas, raça amavel que tem o merito de converter assumptos de melodia e harmonia nas mais estrepitosas manifestações de uma berraria atordoadora, soldados valentes d'essas guerras do *alecrim* e *mangerona*, de cujos conflictos e recontros um *chapim* foi um tropheo, (1) a cascã de uma maçã o talisman mais almejado, (2) e um

(1) Em Lisboa um piatralista guardava, como reliquia, um sapato de setim branco de madame Piatrali. Este facto já foi assumpto de uma farca no Gymnasio—«O chinello da Cantora.»

(2) Este caso deu-se na Nova York. Jenny Lind, que já estava aborrecida das berrarias e impertinencias dos seus admiradores, principiou a comer uma maçã e atirou-lhes com as cascãs, como quem atira um osso a uma matilha de cães. Estas cascãs foram disputadas com um enthusiasmo mais que america mol...



Marmont.

paletot-sac a expressão triumphal mais galharda e aventureira (3).

E pode haver caminho mais largo para a posteridade? Mais ainda dois ou tres traços para ficar completa a physionomia do nosso personagem.

O *leão do palco* não passa por nenhum Ferrabraz, e ha mesmo quem assevere que soffre uma ou outra provocação com paciencia mais que evangelica; mas no theatro é outro homem. Quando elle se senta na platéa de trunfa *au coup du vent*, com os olhos na scena, é preciso respeitá-lo. É preciso mais: é preciso ir de accordo com as suas opiniões, e não patear se elle dá palmas, nem applaudir se elle pateia. Pois se a noite é das consagradas a alguma das ovações das suas pretendidas Gresi e Cerrito, então será bom nem aproximar do temivel entusiasta. N'esses momentos criticos não escuta nem vê ninguem. Julga-se o verdadeiro arbitro da opinião da platéa; não conhece nem consente contrariador. Antes de apparecer em scena a actriz predilecta, tudo o enfatia: a orchestra está baixa; o lustre está alto; os coristas não vem vestidos em character; as vistas são anachronicas, o proprio *ponto* ouve-se mais que os cantantes. Mas tanto que desponta ao bastidor o astro da noite, a rainha do anciano triumpho, o homem fita os olhos no palco, escancara a bocca n'um jorro de *bravos* e descarrega n'uma trovoada de palmas. Não é um homem, é uma machina activa, incessante, indomita de palmaria. Toda a força do espirito, toda a energia da organização lhe fugiu para as mãos. É um portento de movimento e estrepito. O homem desaparece para ficar uma matraca. É sublime n'este momento.

E aí d'aquelle que n'aquella occasião se atreva a não ser do seu voto! Que o ouse advertir de que o seu bracejar incommoda, ou que lhe *pique* do lado um leve rumor de pateada! O seu furor não tem limites. Ergue-se, e mais desgrenhado que Marat quando pedia a cabeça de Robespierre, o nosso Marat musical pede o ostracismo de to-

(3) O «*paletot-sac*» que figurou na ovação de madame Stoltz, lançado por um dos nossos elegantes ao apaar da distincta artista.

dos que tenham pés n'aquella occasião. «Fora a pateada! brada o amavel energumeno com gesto imperativo, digno dos bons tempos tribunicios; fora! fora!» O tumulto cobre-lhe a voz enrouquecida pelo excesso, e as ondulações dos espectadores, ou algum braço mais audaz fal-o cair do seu pedestal, facto que é quasi sempre coroado por uma salva de gargalhadas. A isto succedem-se as provocações e injurias. É então que o *leão do palco* percebe que a sua opinião não é a da platéa. N'isto intervem quasi sempre a policia administrativa, que está á espreita de quando a solfa da platéa sobe do tom natural para a fazer afinar pelo almiré das instrucções que estão affixadas no salão e nos corredores.

Muitas vezes estas noites gloriosas para o *leão do palco* acabam com uma detenção no Carmo!

Como paga a patria a um dilettante d'esta força!

ANDRADE FERREIRA.

POBRE LUIZA!

ROMANCE CONTEMPORANEO.

Continuação

III

S. CARLOS.

Barbosa acabara de fallar, e o velho que tinha sido objecto da sua narração, achava-se estendido em uma poltrona, tendo impressos no semblante os signaes da embriaguez.

Em algumas mesas jogava-se a *banca* e outros jogos de parar.

Eu e Barbosa aproximámo-nos de Luiza, que, cercada d'algumas amigas, estava sentada junto a uma janella conversando.

Fallara-se casualmente ácerca da nossa marinha de guerra, e um velho, que era dos frequentadores da casa, lamentava, quando ali cheguei, o estado em que se achava. Houve por muito tempo acalorada questão a este respeito, até que por fim, mudando de assumpto, recaiu a conversação sobre outro objecto.

Luiza, porém, ficara apprehensiva e com os olhos baixos, desde que se fallou em navios. A mim, que a observava, não me escapou aquella mudança repentina, que na verdade me deu muito que pensar.

D'ahi a instantes, Luiza, por uma d'essas resoluções do espirito, que mais são machinaes do que outra coisa, abandonou a janella e foi sentar-se segunda vez ao piano.

Todos estes movimentos, que traduziam fielmente as mais intimas sensações da mulher, excitaram a especie de curiosidade que Luiza me inspirava já.

Apoderou-se então de mim o desejo de conhecer a vida de Luiza; desejo que augmentou tanto mais quanto era grande a difficuldade que havia em satisfazel-o.

Luiza ainda esteve durante muito tempo ao piano, até que por fim cedendo ao cansaço, parou.

A noite ia já adiantada. Algumas das mesas que ainda ha pouco estavam cercadas de jogadores, achavam-se n'aquelle instante abandonadas.

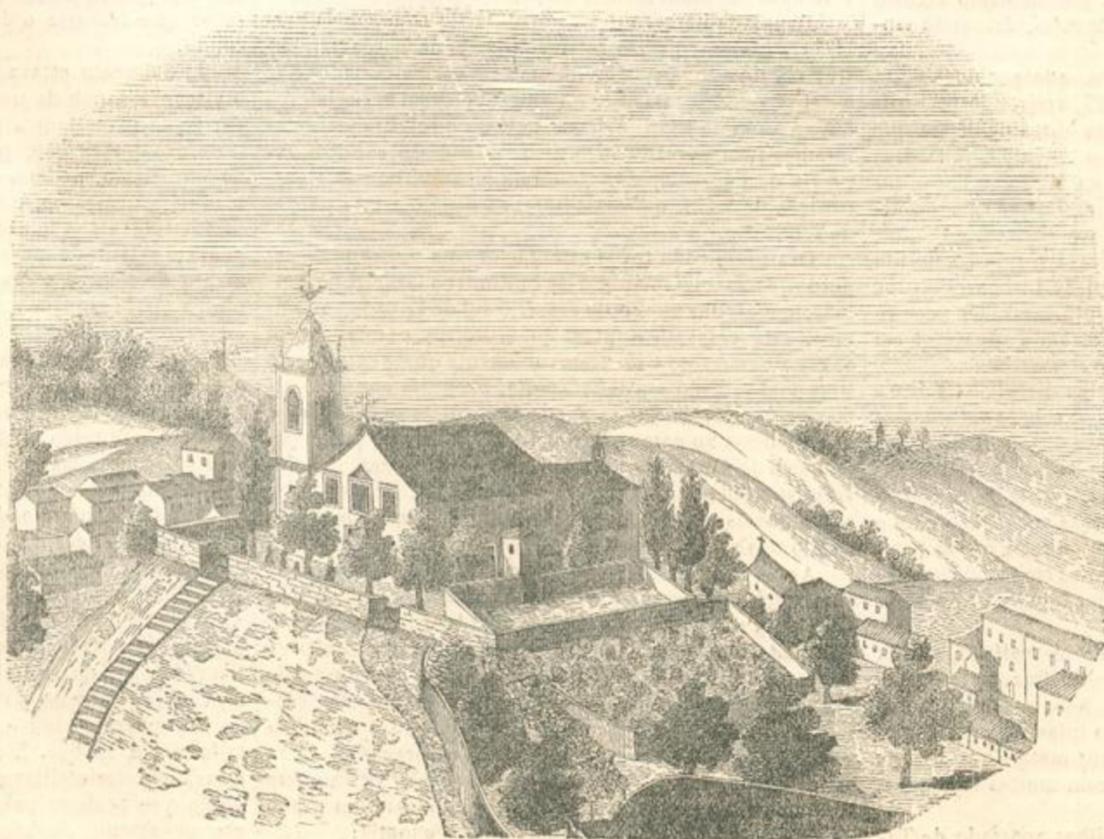
Apenas quatro velhos, acerrimosapologistas das belezas do voltarete, lutavam, usando de todas as tricas bem conhecidas do leitor, para ganhar a ultima e saudosa partida.

Por entre a gritaria impertinente d'um ouvia-se a voz aflautada d'outro que solemnemente proclamava o classico *passo*.

Outro engolfado no prazer que sentia pela abundancia dos trunfos, apenas de quando em quando tirava os olhos das cartas para sorver uma farta e abundante pitada que era para *consolar o espirito*, como elle dizia, enumerando as vantagens de tomar rapé.

O ultimo parceiro, finalmente, a quem o morpheu fizera sua victima n'aquella noite, tendo de todo perdidas as esperanças ao bolo, entregara-se por fim resignado á vontade do seu cruel inimigo, e só algumas vezes abria um cantinho do olho para examinar o estado das coisas.

Disputando uns, resonando outros, e por entre o retumbante resfolgar do tomador de rapé e dos bocejos



Villa da Certa



Entrada do marechal Pelissier no porto de Marselha.



O Lago de Gaube

do que mal podia dormir, deu-se fim ao *recambó* e dentro em pouco ninguém mais se achava na sala senão eu, Luiza e o senhor Almeida, que esse era de casa.

Luiza estava sentada junto ao senhor Almeida; este apertava-a nos braços, e imprimia-lhe de quando em quando um beijo na fronte.

Não querendo presenciar aquella scena em que Luiza representava tão triste papel, retirei-me depois de me ter despedido.

Quando já vinha no fundo da escada, Luiza veio ter comigo, e pediu-me que apparecesse no dia seguinte em um camarote que tinha em S. Carlos.

Foi preciso prometter-lhe que não faltaria para ella me deixar sair.

Representava-se a Semiramis.

Prevedo que haveria enchente real, para usar da phrase, fui muito cedo. Comtudo nos corredores e no salão havia já grande multidão, que aguardava que as portas da platéa se abrissem para entrar.

Depois de comprar bilhete, conformando-me com os usos do publico, comeccei também a passear.

O tempo passava lentamente; até que enfim a hora tão desejada soou, e em pouco achou-se a platéa cheia de gente. Os camarotes estavam todos occupados também, á excepção d'um de primeira ordem que assim se conservou até ao fim do segundo acto.

Quando a platéa prestava mais attenção á peça, quando de todos os lados os rostos das senhoras estavam voltados para a scena é que se ouviu o ranger da porta do camarote, que até então estivera vazio, e uma mulher que conheci logo, pois era Luiza, acompanhada do senhor Almeida, veio sentar-se no primeiro logar.

Na platéa os homens, nos camarotes as senhoras, uns para examinares a belleza da recém-chegada, ellas para avaliarem até onde chegaria o apuro da *toilette*, dirigiram os olhos e as lunetas, que a arte inventou para consolação dos miopes, para o camarote de Luiza.

Esta supportou aquelle rigoroso exame com a maior indifferença, affectando até que o não percebia.

Acabou de calçar placidamente a luya branca de finissima pellica, depois com um gesto gracioso de natural abandono collocou no regaço o *bouquet* que sempre trazia de violetas, e dirigiu o oculo para o palco.

A *toilette* era de tão delicado gosto, que as senhoras por muito tempo e despresando a peça, só pensaram em contemplal-a e em conversar baixinho umas com as outras. A impressão que Luiza causou entre os homens não foi menor. Todos fallavam, perguntando uns quem seria ella, outros, finalmente, não levando tão longe a sua curiosidade, contentavam-se em procurar cada um na sua memoria uma lembrança que lhes desse a conhecer o feliz mortal que acompanhava aquella deusa, como logo chamaram a Luiza.

O acto acabou e fui cumprimental-a. Luiza recebeu-me perfeitamente, admirando-se, porém, da minha presença, pois, segundo o que me disse, não me vira na platéa.

— Isso não admira, lhe redargui eu, porque nem uma unica vez olhou para lá. Logo que entrou, voltou-se para o palco, e parecia dar tanta attenção á peça, que nem lhe percebia o movimento dos olhos.

O senhor Almeida a quem apertei a mão ao entrar, tomando o que eu dissera como homenagem prestada aos seus dotes pessoais, e ao muito que Luiza o estimava, na alegria que sentiu, não podendo encobrir o seu contentamento, sorria-se para mim, deixando ver uma correnteza de dentes que causariam inveja ao javali, ainda o melhor fornecido d'aquelles instrumentos cortantes.

Correspondi á acção affectuosa do provinciano, e depois de conversar durante algum tempo com Luiza, tendo começado o terceiro acto, voltei para o logar que deixara marcado na platéa.

Quando me sentei, o logar que ficava á minha direita estava já occupado por outro individuo. Era um tenente da armada real.

— Vossa senhoria faz-me um favor? me disse elle, pouco depois de eu ter chegado.

Ouvindo a minha resposta affirmativa, perguntou-me se tinha relações intimas com a senhora, em cujo camarote estivera.

Em poucas palavras descrevi-lhe o acaso que me fez conhecer Luiza, e que o leitor já sabe, se não é muito esquecido.

— O senhor, permitta-me que lh'o diga, continuou elle em seguida, aquella senhora não pode ser o que me diz; é impossivel...

Entretanto Luiza lançara casualmente os olhos para o lado em que eu estava, e por um d'estes casos que se dão quasi imperceptivelmente, assistou o oculo para mim e viu ao mesmo tempo o official que n'essa mesma occasião a encarava também.

Luiza pouco tempo mais olhou na direcção do logar em que eu estava. Comtudo d'ahi a instantes olhou segunda vez. Então affirmou-se mais no official; desviou ainda os olhos d'elle, mas por fim, como que cedendo a uma força, que era superior á sua vontade, tornou a encará-lo, e dando um grito, que apenas mal pôde suffocar no peito, caiu para traz nos braços do senhor Almeida, que a amparou.

O espectáculo não se interrompeu. Era já no fim da noite. Não tendo perdido ainda o merito da novidade, Luiza, comtudo, dava já menos na vista. A consequencia foi passar desapercibido este incidente.

Abandonei a platéa e corri ao camarote de Luiza. Ao chegar á porta senti que me seguiam. Olhei para traz. Era o official de marinha.

O senhor Almeida não pôde conter a sua admiração quando o viu.

— Quer alguma coisa? exclamou elle, correndo para o official. Conhece esta senhora, tem relações comigo ou com ella que o autorisem a vir ao meu camarote?

Foi preciso que eu me mettesse de permicio; ali mesmo teria havido alguma scena desagradavel.

A posição em que me achava era difficilima.

Luiza d'um lado com os sentidos perdidos e estendida em cima d'uma cadeira, do outro o senhor Almeida, furioso e quasi resolvido a não sair d'ali sem primeiro ter exercitado a sua força muscular contra o official.

Felizmente, quando menos esperava, appareceu Barbosa, que também estivera na platéa, mas a quem não vira, e foi elle que me livrou de semelhante apuro.

— Fernando, disse elle, depois de ter considerado por algum tempo o official de marinha, que estava mettido a um canto do camarote, não me conheces já talvez? Já te não lembras do teu amigo d'infancia?

O official saiu então da apathia em que caíra, e chegando-se ao pé de Barbosa fitou-o pelo espaço d'alguns instantes; depois parecendo ter alcançado uma recordação, caru nos braços que o amigo lhe estendia.

Tudo isto, porém, se passou em menos tempo do que é preciso para descrevel-o.

Depois d'aquella inevitavel effusão de sentimento, que não quiz interromper, disse a Barbosa que mandasse chegar a carruagem de Luiza.

— A carruagem espera, disse elle, voltando d'ahi a pouco.

Luiza continuava desfallecida.

O senhor Almeida pegou então n'ella, envolveu-a no chale, e dirigiu-se para a carruagem. Esta partiu.

Continua. M. L. COELHO DE MAGALHÃES.

O BEIJO.

Houve um tempo — e que tempo tão bello
Foi aquelle, — em que junto ao olmeiro
Te furtei, oh Lucinda esse beijo,
Nos extremos d'extremo o primeiro!

Ruíbra face tingiu-te o pudor!
E fugiste, cruel, tão ligeira
Pelo bosque onduloso, imitando
Da gazella veloz a carreira!

Com meus passos teus passos seguindo
Doidamente corri apoz ti:
«Dá-me a vida que levas tão presa,
«Ou m'a solta que assaz já vivi!»

Eu clamava — mas tu não me ouvias,
E veloz, mais veloz na porfia,
Apostada te vi em cansar-me,
Pois teu corpo gentil mais fugia!

Não corriam! — Levavam-te as auras
Impellida, os espaços cortando:
Nem as plantas poisavas na terra;
Eras ave no espaço voando!

Do pudor tu corriam nas azas,
Do desejo nas azas eu ia;
E da tua esquiva esta luta
Mais e mais o desejo incendia.

Eu corria também, mas não pude
Na carreira veloz alcançar-te...
Se não fossem as aguas d'um lago
Não podia, de certo, apanhar-te!

Estacaste, porfim, não podendo
Mais ávante correr... Desististe;
E vencida de raiva e cansaço
Sobre a relva prostrada caíste!

E apenas cheguei a teu lado,
Tu, irada, voltaste-me o rosto,
E com fallas, de pranto cortadas,
Me traçaste, cruel, teu desgosto!

Oh que fallas! que fallas eu disse
Tão nascidas do fundo do peito,
Que de amor e ternura olvidaram
Meigamente teu fero despeito!

— «Porque foges, Lucinda, corando
«D'uma prova d'amor tão profundo?
«Esse beijo que dei, tanto a furto
«Pelo sceptro não troco do mundo!

«Nova chamma senti consumir-me...
«Novo sangue nas veias gyrrar-me...
«E na mente me vi transportado
«Onde o mundo não pode levar-me!

Assim disse — E com rosto severo,
Mais severas palavras me deste,
E de affagos a mil, que tentei,
Nem um só receber me quizeste!

Mas lutei, pertinaz... não cedi:
E nos braços teu corpo enlaçando,
Novo beijo colhi em teus labios,
Estas fallas bem meigas soltando:

— «Deixa, amor, que de novo — outra vez
«Nos teus labios meus labios embeba,
«E no filtro que d'elles distilla
«Nova vida, alma nova receba!»

Tão fremente dos labios soltei
Este beijo, d'amor delirante,
Que das selvas o ecco sentido
Invejou-me as caricias de amante.

E soando mil beijos nos ares,
Repetiram as grutas mil beijos:
Da ternura este meigo soido
Mais e mais incendeu meus desejos!

E depois?... Sacudidas as flores,
Pelas auras, do tronco florido,
Uma alfombra formavam no chão,
De verdura ondulante vestido.

Vinham plantas, nascidas da relva,
Pelo tronco robusto a trepar,
E phantasticas formas tomando,
Verde gruta, por fim, figurar:

Era o tronco por onde enroscavam
D'uma olaia gentil, graciosa;
E de vél-a pasmavam n'os olhos,
Tão florida, tão bella, e formosa.

Era noite, e que noite serena!
E no ceo a ia lua a subir,
E dos astros milhões, nos espaços
Ora aqui, ora ali a luzir!

E da lua, no espelho das aguas
Que lambiam n'a relva da gruta,
Vinham raios de prata fulgir,
Com a sombra dos bosques em luta

E do bosque os aromas a mil,
E das flores o grato perfume,
Nos sentidos lançando o torpor,
As delicias causavam ciume!

E mais longe — da selva no fundo,
Rouxinol a trinar seus amores,
Em tão meigas, sentidas canções,
Que das brenhas quebrava os rigores!

E as brisas, com leve susurro
Verdes folhas do bosque agitando,
Mil caricias — affagos a mil
As florinhas do campo iam dando!

Assim tudo formava estes hymnos
Em concertos de grata harmonia,
No silencio da noite incubando
O consorcio d'um mundo que cria!

Resistir não pudeste, oh Lucinda!
De mulher assumiste o sentir;
E de tanto prazer já cansada,
Te deixaste em meus braços cair.

Meigos olhos volveste!... Arrobado
Meus sentidos nos teus confundi,
Nossos labios colando outra vez,
Ah! não sei como então não morri!

Oh que tempo!... que tempo tão bello
Foi aquelle, em que junto ao olmeiro,
Te furtei, oh Lucinda, esse beijo,
Nos extremos d'extremo o primeiro!

APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS

MARMONT.

Marmont, a quem a historia ainda não julgou definitivamente, mas cujo nome desperta bem tristes recordações, nasceu a 20 de julho de 1774, em Châtillon-sur-Seine, districto de Côte-d'Or. Em 1792, sendo alferes de artilheria no exercito dos Alpes, achou-se por um feliz acaso no cerco de Toalon, onde foi conhecido de Bonaparte que lhe tomou affeição, e mais tarde o levou consigo para a Italia e para o Egypto.

Na tomada de Malta assignalou-se arrebatando a ban-

deira da ordem militar, e obteve n'esta occasião o posto de general de brigada. Entrado de novo em França com Bonaparte, concorreu muito activamente para o golpe de estado do 18 *brumario*. Depois seguiu em tudo a fortuna de Napoleão.

Nomeado general de divisão na batalha de Marengo, commandou em 1805 o exercito de Hollanda, passando depois a Allemanha, onde cooperou para a tomada d'Ulm. D'ali foi enviado á Dalmacia, permanecendo por muito tempo em Ragusa apesar dos repetidos ataques dos russos e montenegrinos. Em 1809 deixou a Dalmacia com o titulo de duque de Ragusa, e uniu-se ao grande exercito na vespera da batalha de Wagram. N'esta batalha adquiriu o bastão de marechal.

Em 1811, chamado ao commando do exercito de Portugal, conteve Wellington em respeito durante quinze mezes; mas ferido por uma bala d'artilheria na batalha de Arapiles, viu-se obrigado a voltar para França.

Como Soult, assistiu ás batalhas de Lutzen, Bautzen, Wurtzen, e Dresda. Foi ferido de novo em Leipzig.

Nos primeiros dias de janeiro de 1814, Marmont, encarregado de descer o Rheno, desde Veisse até á Hollanda, retrocedeu diante das forças reunidas dos exercitos alliados, e concentrou-se sobre Metz e Verdun. Continuando a retirada, assistiu aos combates de Brienne, Champ-Aubert, Vauchamps, e Montmirail. Foi elle quem effectuou a submissão de Paris no mez de março do mesmo anno.

Nomeado para um cargo superior da casa de Luiz XVIII, proscripto, depois, durante os cem dias, voltou a Paris pela segunda restauração, e obteve o posto de major general da guarda real, e a dignidade de par de França.

Em 1830, nomeado, a 27 de julho, para o commando da primeira divisão militar, recebeu ordem de combater o povo das barricadas. Porém vencido, e obrigado a fugir, foi riscado do quadro do exercito pelo governo da revolução.

Desde então, esteve constantemente ausente de França, residindo por muito tempo na Austria.

Nos ultimos annos, retirou-se para Veneza onde morreu, com 78 annos d'idade, a 12 de março de 1852.

Diz-se que deixou mais de vinte volumes de *Memoorias*.

LAGO DE GAUBE.

Fabulou a antiguidade que a famosa cordilheira lançada do Oceano ao Mediterraneo entre a França e a Hespanha tomou o nome de Pyrene, filha de Pyreneu, a qual depois de se haver rendido a Hercules, fugindo ás iras de seu pae, se embrenhou n'aquellas montanhas, onde a devoraram as feras, ao que allude o Camões no canto III.

Logo os montes da nympha sepultada,
Pyrene, se levantam, que, segundo
Antiguidades contam, quando arderam
Rios de ouro e de prata então correram.

A vasta erudição do nosso poeta, que brota em todo o seu immortal poema, memora n'estes versos a copia de riquezas metalicas dos Pyreneus, revelada no crescido numero de aguas medicinaes, que frequentam enfermos de muitas partes da Europa. Estas aguas e o aspecto variado das paisagens começaram a ter celebridade ha bastantes annos; porém, no seculo actual é que os Pyreneus tem sido descriptos circunciadamente, e visitados com attenção assim pelos poetas como pelos naturalistas, procurados tanto pelos pintores de quadros da natureza como pelos que viajam puramente para recreio. De toda esta gente se reúnem phalanges nos Pyreneus francezes na estação propicia; Cauteretz, sobretudo, offerece a maior variedade e interesse; os seus arredores desde a cascata de Lutour até ao lago de Gaube tem o cunho poetico, que se revela muito mais na cascata de Cerizet, onde as aguas se precipitam n'um abysmo com fragor continuo, infundindo terror, e parecendo quererem esconder-se para sempre á luz do sol. O animo, violentamente agitado, sente ali a necessidade de mais branda emoção; e esses terrores involuntarios prestes se dissipam perante o rico espectáculo da queda d'agua de Bucès e da ponte d'Hespanha, painel gracioso, que a phantasia reveste depois de mil formas.

Finalmente, o lago de Gaube, triste e silencioso, apertado entre montes sombrios, completa esta excursão, para provar a diversidade de impressões que se recebem n'este paiz encontrando-se a cada passo os mais oppositos contrastes.

M.

ENTRADA DO MARECHAL PELISSIER NO PORTO DE MARSELHA.

O entusiasmo do povo quando o vencedor de Malakoff, duque hoje d'este titulo, aportou a Marselha a bordo da corveta a vapor *Roland*, a sua brilhante campanha da Crimea que lhe adquiriu todas essas sympathias são coisas recentes e a todos notorias, que não repetimos porque não fazemos gazeta. Por occasião da nossa gravura daremos sómente a indicação das principaes datas da biographia do marechal successor de Canrobert no commando do exercito do oriente.

Mr. Pelissier nasceu nas visinhanças de Ruão a 6 de novembro de 1794. A sua educação militar começou na escola de artilheria de la Flèche e terminou na de Saint Cyr; em 1815 foi aggregado, na patente de segundo tenente, ao corpo de artilheria de Luiz XVIII e depois ao 57 de linha, que fazia parte do exercito reunido junto ao Rheno e d'ahi a poucos mezes licenciado.

Recollendo á legião departamental do Sena-Inferior no mesmo anno, fez um exame cujos brilhantes resultados lhe ganbaram o posto de ajudante-major no corpo do estado-maior formado em 1819.

A campanha de 1823 na Hespanha poucas occasiões de se distinguirem forneceu aos militares francezes; contudo Pelissier fez-se notavel como tenente do estado-maior e ajudante de campo do general Grundler. De 1824 a 1826 desempenhou as mesmas funcções ás ordens dos generaes Bourkevallin e Leon des Essarts. Contava perto de oito annos da patente de tenente, quatorze de serviço e duas campanhas quando foi despachado capitão do corpo do estado-maior a tres de junho de 1828.

As cruces da Legião de Honra e de S. Fernando d'Hespanha, que recebera em 1823, haviam sido até essa epoca a sua unica recompensa, ás quaes juntou, pela campanha da Grecia, as condecorações de S. Luiz e da ordem grega do Salvador.

Em 1830 tomou parte na expedição de Argel, onde os seus actos lhe mereceram o grau de official da Legião de Honra e o posto de chefe de batalhão. Nos annos seguintes foi empregado no interior da Algeria como ajudante de campo de diversos generaes.

Voltou a Argel em 1839 sendo já tenente coronel e chefe do estado maior da terceira divisão sob o commando do general Schramm.

Foi elevado a coronel e sub-chefe do estado-maior do exercito da Algeria aos 8 de julho de 1842, e commandante da Legião de Honra em 6 d'agosto do anno seguinte. Em todos estes serviços desinvolveu grande pericia militar, valor e energia, reunindo a estes dotes talento administrativo. Chegando ao posto de general de divisão em 15 d'abril de 1850 exerceu tres vezes as funcções de governador geral interino d'Africa franceza, onde a sua luzida carreira foi coroada em dezembro de 1852 pela tomada de Laghout na extremidade meridional da provincia para o lado da região dos areaes.

Pelissier commandava a divisão de Oran quando foi chamado em 10 de janeiro de 1855 para o commando do primeiro corpo do exercito do Oriente, que então era especialmente destinado ás obras do sitio, e se compunha das divisões Forey, Levaillant, Paté, e Salles. A historia d'esta campanha e das causas que elevaram Pelissier ao commando em chefe está fresca na memoria, e relatada como dissemos nas gazetas.

M.

VILLA DA CERTÁ.

Lemos um artigo do senhor Fragozo Serrano, publicado em 1850, sobre o estado e situação da villa da Certá. Tendo agora de tratar o assumpto, e achando tão exactos os esclarecimentos contidos ali, pedimos a competente venia, e vamos transcrevel-o.

«A villa da Certá foi fundada por Sertorio, 74 annos antes da vinda de Christo, chamando-se então Certago, depois Certagem, e hoje Certá. Pouco tempo depois de Sertorio haver lançado os fundamentos a esta villa, e ter concluido o seu castello, vieram os romanos, inimigos d'este famoso heroe, para destruir a nova povoação; n'esta refrega mataram um cavalleiro principal, marido de Celinda, a qual, desesperada com a nova da morte de seu marido, a tempo que os inimigos entravam de tropel no castello, resoluta lhes saiu ao encontro, e lhes atirou aos olhos uma certá, cheia d'azeite fervendo, em que fritava ovos; os romanos, attonitos pela nova especie d'ataque, recuam, e por esta forma lhes é vedada a entrada do castello. Assim deteve os inimigos até chegar socorro dos logares visinhos, vingando, com este varonil feito, a sua patria e a morte de seu esposo.

«D'esta acção tomou a villa por armas uma certá, alludindo a este successo, com a letra em roda: *Certago sternit certagine hostes*. Do castello só existe o sitio, conservando-se, até ha poucos annos, a porta, onde se praticou aquella acção, que devia ali existir ha 1900 annos — foi demolida, e as pedras serviram para reparo do arco d'uma ponte!

«Foi reedificada esta villa em 9 de maio de 1111 pelo conde D. Henrique, que lhe concedeu grandes foros e liberdades. Fica a sete leguas ao norte de Thomar. É cabeça de marca, pertence ao districto de Castello Branco, e ao priorado do Crato.

«É cercada por duas grandes ribeiras, a da Certá e a d'Amioso, que se juntam ambas ao fundo da villa, proximo á cerca do extincto convento, ficando a villa em forma d'uma grande península, pois que para ella só se pode entrar por terra, por um só lado, e pelos mais a vau, ou por tres pontes, que lhe dão commoda entrada; entrando-se pela principal d'estas tres pontes se depara com um espaço e formoso lago — a Carvailha — povoado de muitas arvores, que o fazem mui ameno e vistoso, ajudando para isto o ser bordado por dois lados com uma das ribeiras, e por outro, a todo o comprimento, com o muro da cerca do convento; foi este extincto con-

vento fundado por fr. Christovão de S. José, em 2 de maio de 1635.

«A villa, com todo o concelho, contém 3150 fogos, e ao prior da matriz, como vigario da vara, estão sujeitas 14 freguezias. Colhe bastantes cereaes, muito azeite, vinho e castanha; tem quatro feiras no anno e grande mercado em todos os sabbados.

«Tanto a villa, como seu termo, tem sido berço de illustres heroes, em armas, letras e virtudes; d'ella foi natural o padre Sebastião de Santa Thereza, da ordem dos carmelitas descalços, que na sua religião, foi o primeiro geral n'este reino, alguns bispos, e no presente o de Macau.

«A egreja, que mostra a estampa, é a matriz, cujo orago é S. Pedro; está collocada em sitio bastante elevado, d'onde se avista quasi toda a villa, e bastante campo; o adro plano e extenso, que circunda a egreja, por ser no cume d'um oiteiro, é sustido em redondo por um forte e alto muro; o terreno é plantado d'arvores, que o fazem muito bello e ameno.

«Entre as freguezias do termo d'esta villa, sobresaem a todas — como a mais linda, rica e nobre — a de S. Sebastião de Sernache do Bomjardim. Entre os edificios sobresaem um convento, hoje tornado palacete, que, com a cerca, é uma linda vivenda, denominada *Quinta das Aguias*; é tambem muito notavel o extincto seminario, conhecido por *Seminario de Sernache do Bomjardim*. Está este seminario, que não chegou a acabar-se, mas que não deixa de ser um bello edificio, edificado no parque do Bomjardim, que contém bastante terra de cultivo, pomares, e uma grande matta de castanheiros. Sobre tudo se ufana esta freguezia por ser a patria do filho do prior do Crato D. Alvaro Gonçalves Pereira, o grande e nunca esquecido segundo condestavel do reino, o heroe D. Nuno Alvares Pereira, que nasceu no Bomjardim a 25 de junho de 1360, e morreu em Lisboa no anno de 1430 — do qual este povo conserva o retrato na sala do despacho da freguezia.»

Com algumas, poucas, alterações, devidas ao tempo que tem decorrido, é este ainda hoje o estado da villa da Certá.

CHRONICA SEMANAL.

O inverno aproxima-se e Lisboa sente-se reviver; em poucos dias terá logar a abertura do theatro de S. Carlos, e brevemente se lhe seguirá a do theatro francez.

Já ha apologistas e detractores da companhia Lyrica, mesmo antes de a ouvirem. Os satellites dos empresarios em disponibilidade, compõem a maioria dos segundos. Consta-nos tambem que os partidos já se enfileiram preparando-se para a peleja, que espalham dever ser renhida e pavorosa. Palpita-nos que entre mortos e feridos algum hade escapar, e que se a companhia fór igual e regular, zomba d'estas intrigas mesquinhas e sae d'ellas triumphante.

O que nos parece conveniente é que se trate de evitar este anno a reprodução d'essas scenas ridiculas que se presenciaram na epoca passada. O theatro lyrico tornou-se uma praça de toiros. O entusiasmo tomava quasi sempre as proporções d'este genero de divertimentos. Era um charivari de applausos e pateadas sem significação, que apenas servia para incommodar os espectadores, pois d'ali não resultava a menor gloria ou desfavor para o artista. Similhanes despropósitos são indignos de um publico que tem o nome de illustrado.

Ha todavia uma condição favoravel n'esta companhia: é a novidade. Nenhum dos cantores ou cantoras são conhecidos dos *dilletanti*, o que duplicadamente os interessa.

No corpo de baile nota-se equal circunstantia com uma pequena excepção, mas acertada e lisonjeira, porque a justificam os applausos e entusiasmo dos espectadores na ultima noite da epoca anterior; entusiasmo e applausos que só se podiam traduzir por uma reclamação futura. E realmente mademoiselle Palmyra merecia-o: as filhas das Hespanhas tem n'ella uma digna representante. . . da dança.

Em quantidade não ha nada a exigir da futura companhia, agora da *qualidade* veremos — qualidade artistica, entende-se.

Quanto ás qualidades physicas — outro attributo quasi indispensavel e sempre bem acceto das platéas — a julgarmos pelas narrações vocaes que temos ouvido, e pelas descrições escriptas que temos lido, podemos assegurar que ha entre as damas duas verdadeiras bellezas. Ainda conhecido nenhum nosso as viu, que não ficasse logo transformado n'um ponto de admiração.

Contamos que nos hade acontecer outro tanto, e desde já prevenimos o leitor que para a semana, depois da primeira representação do *Assedio de Leida*, em que debuta mademoiselle Bernardi, uma das designadas como o ideal da mulher, havemos de revelar a nossa impressão, ensaiando tambem um retrato.

Consta que sua magestade el-rei o senhor D. Pedro v irá festejar o seu anniversario natalicio e o da inauguração do seu esperançoso e brilhante reinado ao theatro normal.

O drama escolhido é o *Miramar*, do sr. Mendes Leal. Folgamos de ver que o nosso moço monarcha prefere solemnizar taes festas, honrando com a sua presença a

obra d'um autor portuguez e desempenhada por artistas nacionaes.

A seu tempo faremos a analyse do drama e daremos conta do que lá vimos.

Cumpre-nos agora dizer que no domingo teve lugar a regata dos yachts que não pôde effectuar-se no dia 2 por falta de vento. Os yachts empenhados na luta foram os seguintes: *A Prenda*, de sua alteza o senhor infante D. Luiz.—*A Corça*, do sr. Moser.—*O Mesmo*, do sr. F. Burnay.—*O Saltarello*, do sr. Shirley—e o *Corisco*, do sr. F. Ferreira Pinto.

Depois de tomarem as respectivas posições, deu-se o signal da partida ás 12 horas e 2 minutos, sendo o vento ONO.

Até á balisa de Belem levava vantagem o *Saltarello*, e para chegarem á segunda que estava collocada na Feitoria, os yachts tiveram de bordejar, distinguindo-se na manobra o *Saltarello* e o *Mesmo*.

Navegaram com vento em pópa para a Trafaria d'onde regressaram novamente para a Feitoria, e vogando em seguida para a balisa da Cruz Quebrada, vieram terminar a corrida no ponto de partida, sendo a ordem a seguinte:

Primeiro *O Mesmo* — segundo *A Prenda* — terceiro *O Saltarello* — quarto *A Corça* — quinto *O Corisco*.

Coube a victoria ao yacht *O Mesmo* que era o mesmo effectivamente que a tinha também alcançado na ultima regata, ganhando assim o premio offerecido por sua magestade el-rei o sr. D. Pedro v. O premio era uma salva de prata redonda, de dois palmos de diametro pouco mais ou menos, tendo no centro esta inscripção: *Sua magestade el-rei o sr. D. Pedro v ao vencedor da regata de 1856*.

Duas medalhas, uma de prata e outra de cobre destinadas para premios de construcção, couberam ao sr. Shirley, constructor dos yachts *O Mesmo* e *Saltarello*.

Cada uma das medalhas tem polegada e meia de diametro; na face a legenda *Real Associação Naval*; no centro um escudo tripartido onde se vê um yacht, um navio no estalleiro e o emblema representando uma ancora cruzada por dois remos; sobreposta ao escudo está uma concha e na parte a seguinte legenda: *Nos victoria, arma cuditimus*. No reverso entre dois ramos de carvalho e loiro lê-se a inscripção: *Regala do Tejo, Premio de construcção*, e em cima a corôa portugueza.

É de esperar que o gosto por este divertimento augmente entre nós e que estes incentivos e recompensas animem novos contendores a tomar parte n'estes duellos, concorrendo novas embarcações, e é igualmente para crer que certas emulações necessariamente originadas ali, tragam consigo vantagens ao aperfeiçoamento da construcção.

E digam francamente se tendo nós um rio como o Tejo, tão festejado em verso e prosa, mesmo para aquelles que nunca cortaram as suas aguas, digam francamente, repetimos, se não era uma consciencia estarmos privados d'uma distração, que serve ao menos para provar que sabemos gosar-o d'alguma forma.

Vivam pois as regatas!

No salão do theatro de D. Maria II tem-se reunido os jornalistas e homens de letras para discutirem e approvarem as modificações propostas ao decreto de 22 de setembro.

As discussões tem sido até hoje dignas dos homens que compõem aquella assembléa. Oxalá que se tire algum resultado.

Estão actualmente em debate os artigos relativos á escola de declamação, e promete ser vagaroso. Julgamos de toda a necessidade a creação das escolas e sem ellas estamos convencidos que o nosso theatro nunca poderá elevar-se á altura que lhe marca o titulo de normal.

Parece-nos todavia que pela organização que actualmente conserva o theatro nacional, são infructiferas todas as resoluções que se possam tomar. Para a aula de declamação attrahir discipulos é necessario que a arte tenha um futuro. E organizado o theatro como está, esse futuro não pode existir.

Porque? dirão.—A resposta é facil—e cil-a em poucas palavras.

Houve um governo que se arvorou em empresario do theatro e contratou os artistas por tres annos. Muito bem. Succedeu-lhe outro que entendeu dever continuar a resolução do seu antecessor, mas limitando as escripturas a um anno, e diminuindo também os interesses dos artistas. Está claro que já d'esta vez, em lugar de ganharem em consideração e lucros, perderam. Quem nos diz portanto que não virá um terceiro que deite abaixo tudo quanto os outros fizeram e ponha o theatro a concurso? Que garantias offerece pois o theatro aos artistas sujeito como está a taes eventualidades? Lembrem-se os nossos collegas que n'esta terra ha coisas que é melhor não lhe bulir, e a fazel-o só com a firme intenção de destruir completamente para edificar de novo.

As leis-remendos não devem já illudir ninguém; todos sabem o que valem. Iamo-nos sem querer involvendo n'uma questão, que não é para tratar n'este lugar, e que talvez um dia nos resolvamos a encetar mais largamente.

Terminaremos pois dizendo, que é, foi e será sempre a nossa opinião que o theatro nacional só poderá offerecer vantagens e futuro aos artistas organizado debaixo do principio de associação como o é em França, ficando a

gerencia administrativa sob a inspecção e governo do commissario regio.

Tudo o mais são promessas irrisorias e situações insustentaveis. *Vederemo e dopo parlaremo*.

N'este momento o que agita geralmente os espiritos são as eleições. Não se falla n'outra coisa, não se pensa n'outro objecto, não se cuida em mais nada. Todos querem salvar a patria. O empenho é devéras nobre e creador de elogios. É infinito o numero de individuos que pretendem alistar-se n'esta corporação. Sabemos de circulos que dão apenas tres deputados e por onde estão propostos vinte.

Isto não falla! Toda a vez que dois homens segredam no canto d'um botequim, no corredor do Gremio, ou na esquina d'uma rua, não ha que duvidar; um d'elles é por força candidato e o outro eleitor influente, quando também não é candidato.

Passae perto d'elles e vereis que toda a sua conversação reduz-se a estas palavras continuamente repetidas, porque o interessado entende que nunca é de mais, e que convém esclarecer a opinião.

— « Então posso contar com a recommendação de...? »

— « Elle ha tantos. »

— « Não duvido; mas nem todos estão no meu caso: a minha dedicacão, os meus serviços, a minha firmeza de principios, e sem falsa modestia, o talento e intelligencia que todos me reconhecem... »

— « Talvez se arranje. Fallaremos. »

— « Parece-me que em Leiria tenho-a certa. »

— « Devéras. Recebeu cartas? »

— « As mais lisonjeiras e animadoras. O meu nome é geralmente estimado n'aquella cidade. »

— « Já lá esteve alguma vez? »

— « Nunca, mas é como se tivesse estado. »

— « Percebo. »

Por estes esboços aprecia-se facilmente o valor d'estes dialogos tão monotonos como semsabores. Por isso desejamos ver aberto quanto antes o theatro lyrico para nos irmos ali refugiar dos candidatos n'aquelles *fauteuils*, onde contamos ouvir *trechos* mui superiores aos que elles serão obrigados a supportar nas cubiçadas cadeiras de S. Bento.

É tal a mania de ser deputado que chega a haver candidatos sem candidatura, mas profundamente convencidos de que estão arriscados a sair por um grande numero de circulos, onde o seu nome chegou pelo orgão da imprensa. Deixal-os: é uma illusão como outra qualquer. O peor é que o desgano pode custar-lhe uma visita de sege até ao estabelecimento do nosso amigo o sr. dr. Pulido.

No theatro do Gymnasio deu-se ultimamente uma traducção do sr. Mendes Leal (Antonio) *Um marido que vae para a quinta*, que nos consta ter agradado. Depois de a vermos faremos a analyse.

ERNESTO BIESTER.

PONTE PENSIL.

O desenho d'esta especie de pontes apresentado hoje em a nossa estampa, foi projectado pelo engenheiro Trischeler para Brest, afim de communicar as duas partes da cidade dividida pelo canal. Pode dar passagem ás naus de linha, não impede a rapidez dos movimentos das pequenas embarcações e navios do porto, nem as correntes das marés.

N'esta ponte ha a novidade do arco que a suspende, reunindo á elegancia as necessarias condições de solidez.

APHORISMOS.

Converter a espada da justiça em ferro assassino; lavar as mãos em sangue innocente; tem sido o systema de muitos monstros togados.

O homem, que se entrega aos crimes, e á immoralidade, commette o assassinio da propria honra.

O assassinato juridico é o mais odioso; porque, á realidade do crime, reune a hypocrisia das formulas, e o escarneo das leis.

O homem economico difficilmente será pobre: o homem avarento nunca será rico.

BIBLIOGRAPHIA.

Publicaram-se, e acham-se á venda na loja do Editor do Panorama, os sermões de Francisco Soares Franco, Junior.

É um folheto de 128 paginas. Preço 480 rs.

OBRAS PUBLICADAS PELO EDITOR DA ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA.—RUA AUREA, 227 E 228.

PANORAMA, semanario de instrucção e litteratura, redigido por muitos escriptores distinctos. Publica-se regularmente todos os sabbados um numero contendo 16 columnas de fol., com excellentes gravuras em madeira. Preço por anno, em Lisboa, 1\$300 rs.; semestre, 700 rs.; nas provincias, por anno 1\$570 rs.; semestre 830 rs.

Publicou-se o 37.º num. do 13.º vol., 5.º da presente serie.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V., comedia drama em 5 actos, por L. A. Rebello da Silva e Ernesto Biester, 1 vol. 8.º fr. 480

AS DUAS EPOCAS DA VIDA, comedia em dois actos por Ernesto Biester, 1 vol. 8.º fr. br. 240

CAMÕES E O JÃO, scena dramatica em verso por Casimiro Abreu. 100

POESIAS de L. A. Palmeirim. 2.ª edição augmentada. 1 vol. 8.º fr. br. 600

RUDIMENTOS DE ECONOMIA POLITICA para uso das escolas por F. A. Marques Pereira. 1 vol. 8.º fr. 200

ADDIÇÕES AO MANUAL DO TABELLIÃO, por F. V. da S. Barradas. 1 vol. 8.º fr. 200

OS HOMENS DE MARMORE, drama em 5 actos por J. da Silva Mendes Leal Junior. 1 vol. 8.º fr. 480

O HOMEM DE OIRO, drama em 3 actos (continuação do antecedente) pelo dito 1 vol. 8.º fr. 300

A CRUZ, drama em 5 actos por Luiz de Vasconcellos 1 vol. 8.º fr. 320

MEMORIAS DE LITTERATURA CONTEMPORANEA, por A. P. Lopes de Mendonça. 1. vol. 8.º fr. br. 720

CASAMENTO E DESPACHO, comedia em 3 actos por A. de Serpa.

COMO SE SOBE AO PODER, comedia em 3 actos por L. A. Palmeirim, 1 vol. 8.º fr.

VIDA DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO, por L. A. Rebello da Silva. 2 vol. em 8.º fr. br. 960

Esta excellente obra, saudada com unanime elogio pela imprensa periodica, constitue a primeira parte dos *Fastos da Igreja* do mesmo autor.

DALILA, drama em 4 actos e 6 quadros, por A. de Serpa, 1 vol. 8.º fr. 400

UM QUADRO DA VIDA, drama em 5 actos, por Ernesto Biester. 1 vol. 8.º fr. br. 480

MEDICINA LEGAL, por Sedillot; traducção do Dr. Lima Leitão. 2.ª edição. 2 vol. 8.º fr. 1\$200

A REDEMPÇÃO, comedia drama em 3 actos, por Ernesto Biester, com uma introdução pelo sr. Mendes Leal Junior. 1 vol. oit. fr. 360

NATUREZA DAS COISAS, poema de T. Lucrecio Caro, trad. do Dr. Lima Leitão. 2 vol. 8.º brox. 800

POESIAS DE M. M. Barbosa du Bocage, edição completa em 6 volumes de 8.º fr. 4\$320

A HERANÇA DO CHANCELLER, comedia em 3 actos, e em verso, por J. S. Mendes Leal Junior, 1 vol. 8.º francez br. 400

OTHELLO, OU O MOIRO DE VENEZA, tragedia em 5 actos, imitação por L. A. Rebello da Silva, um vol. rs. 300

O CAMÕES DO ROCIO, comedia em 3 actos por I. M. Feijó, 1 vol. 8.º fr. 300

No Prelo:

POESIAS de J. S. Mendes Leal, 1 vol. 8.º fr.

A TORRE DO CORVO, drama por I. M. Feijó, 1 vol. 8.º fr.

EXPEDIENTE.

Roga-se aos srs. Assignantes tanto das Provincias como da Capital que não tem satisfeito as suas assignaturas, o obsequio de o fazerem com a possivel brevidade; os das Provincias pelo seguro do correio, e os da Capital dirigindo-se á loja do Editor, rua do Oiro n.º 227.

O Editor espera que os srs. Assignantes reconhecendo a justiça d'este seu pedido serão, como cavalheiros, promptos em o satisfazer.

Assigna-se para o Panorama e Illustração em Lisboa, na livraria do Editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Oiro, n.º 227 e 228, e na do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.

São correspondentes do Editor: no Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; Coimbra, a Imprensa da Universidade; Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José-Ferreira; Penafiel, o sr. Maximiano Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. G. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio de Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, o sr. Rodrigo José Ferreira Guimarães, rua de Baixo num. 91; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães; Ceará, o sr. Joaquim José de Oliveira; Pará, o sr. Manuel Gomes de Amorim.